

Comércio deve selecionar a quem dá crédito

Recomendação é do Banco Central para evitar os cheques sem fundo

SÓCRATES ARANTES

O diretor de Normas do Banco Central, Marden Marques Soares, sugeriu ontem que os comerciantes tenham mais cuidado na oferta de crédito aos seus clientes - principalmente os postos de gasolina, onde surgem os maiores problemas com cheques sem fundos. O diretor do BC indicou o uso maior de cartões de crédito, melhor identificação dos emitentes, restrição aos pré-datados e a não aceitação dos cheques de terceiros.

A recomendação foi feita na audiência pública para a moralização do uso do cheque, na Comissão de Finanças e Tributação da Câmara dos Deputados, com a presença de representantes de vários segmentos da economia (supermercados, lojistas, comércio, bancos e varejistas de combustíveis). O comércio se queixa do aumento da emissão de cheques sem fundo. Em abril, foram compensados no Brasil mais de 225 milhões de cheques, sendo que 6,152 milhões foram devolvidos (2,7%). Sérgio Koffes, da Fecomércio-DF, disse que o comércio não agüenta mais. "Precisamos de ações concretas", afirmou.

O deputado Benedito Domingos (PPB-DF) criticou

o sistema bancário, que, segundo ele, não toma providências para acabar com a farra do cheque sem fundo. "Hoje, para os bancos, o cheque sem fundo é um grande negócio, porque cobra taxas do emitente e do recebedor".

Casa da moeda

O parlamentar acha que os bancos deveriam identificar melhor os seus clientes, o que elevaria o sistema bancário ao nível do Primeiro Mundo. "Os bancos hoje entregam indiscriminadamente, com o talão, uma verdadeira casa da moeda aos seus clientes", comparou. Domingos sugeriu a criação de um "Proer para os cheques de pequeno valor".

Para continuar a discutir o assunto, já que a audiência de ontem não foi conclusiva, o presidente da Fecomércio anunciou a realização, no dia 4 de junho, de seminário, na sede da entidade, em Brasília. "Queremos terminar a discussão e rapidamente sugerir a mudança das regras porque o comércio já chegou ao seu limite máximo. Caso contrário, veremos muitas pequenas e médias empresas fechando até o final do ano por causa do aumento da emissão de cheques sem fundo".

Impacto de juro menor demora

São Paulo - A redução nas taxas de juros promovida quarta-feira pelo Banco Central não terá grandes impactos na economia, mas mostra claramente que o Governo Federal está interessado em reativá-la. A avaliação é do economista da Associação Comercial de São Paulo (ACSP), Emílio Alfieri. "Foi uma medida corajosa. Estamos na direção certa, mas resultados mais visíveis vão depender de outros fatores, como desemprego e inadimplência", afirmou.

Justamente em função desses dois fatores, os juros menores não terão grande impacto no crediário. Ou seja, os juros para o consumidor não devem recuar muito, e o consumo também não terá nenhum crescimento significativo. Para Alfieri, o comércio só mostrará uma tendência firme de recuperação

a partir do segundo semestre. Mas deve registrar alguma melhora nas vendas nos meses de maio e junho, por causa das datas comemorativas do Dia das Mães, Dia dos Namorados e do evento da Copa do Mundo, que poderá melhorar as vendas de televisores e vídeos.

"Para que haja uma recuperação mais consistente, é preciso que, além de reduzir os juros, o Governo complemente isso com medidas fiscais, tais como redução do IOF, que hoje é um confisco", disse Alfieri. Ele defendeu que a taxa do IOF, hoje em 15%, recue para 4%.

Ele observou também que o Brasil hoje precisa buscar as taxas de crescimento anteriores à crise da Ásia, no final do ano passado, de 3% o 4%. "Com taxas de crescimento inferiores a 1% é difícil se ter aumento no índice de emprego".

Pessimismo estimulou a redução

O diretor de Assuntos Internacionais do Banco Central, Demóstenes Madureira de Pinho Neto, disse ontem que a redução dos juros além das expectativas de analistas e consultores teve o objetivo, entre outras coisas, de "não referendar o pessimismo do mercado" provocado pelas incertezas das situações da Rússia e da Indonésia. "Rússia e Indonésia são problemas localizados", disse o diretor do BC.

Ele lembrou que, desde a sexta-feira passada, o mercado estava tumultuado por causa dos problemas políticos na Indonésia e, na última segunda-feira, as especulações aumentaram com a turbulência na Rússia. "Os mercados da Rússia e da Indonésia não têm nada a ver com o do Brasil ou com dos outros países emergentes", assegurou.

Pinho destacou que, especificamente na Rússia, o problema que mais preocupa os analistas é de natureza institucional. "Uma situação muito diferente da que vive o Brasil hoje".

Justamente por considerar que os problemas são localiza-



Luiz Marcos

PINHO: problema canalizado

dos, Pinho não acredita numa nova crise internacional como a que aconteceu em outubro, a partir das dificuldades apresentadas pelos tigres asiáticos. Para o diretor, havendo um agravamento da situação russa, "uma ação rápida dos Estados Unidos e do Fundo Monetário Internacional" ajudará a controlar qualquer instabilidade.